

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

CÁSSIA REGINA COSTA

**UMA ANÁLISE DO ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS  
ESCOLAS DE FUNDAMENTAL INICIAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

CÁSSIA REGINA COSTA

**UMA ANÁLISE DO ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS  
ESCOLAS DE FUNDAMENTAL INICIAL**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura” – Orientadora: Profa. Dra. Cristina de Souza Prim.

CURITIBA - PR

2018



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



## **TERMO DE APROVAÇÃO**

UMA ANÁLISE DO ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS ESCOLAS DE  
FUNDAMENTAL INICIAL

Por

**CASSIA REGINA COSTA**

Monografia apresentada às 14:40, do dia 4 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

---

cristina de souza prim  
UTFPR - Curitiba  
(orientador)

---

Ana Paula Pinheiro da Silveira  
UTFPR - Curitiba

---

EVANDRO DE MELO CATELÃO  
UTFPR - Curitiba

## RESUMO

COSTA, Cássia Regina. **Uma análise do ensino das variações linguísticas nas escolas de Fundamental Inicial**. 2018. 36 f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Este trabalho tem por objetivo responder as seguintes perguntas: A forma como a língua é trabalhada, nas escolas de ensino fundamental inicial, está contribuindo para aumentar os preconceitos linguísticos? Qual deve ser a postura da escola diante das variedades linguísticas? Esta pesquisa apresenta uma análise teórica e conceitual sobre as variações linguísticas, motivadas pelas leituras de Bagno (2007), Cagliari (1990), Antunes (2003), e outros. Discute-se a ideia de erro ao se relacionar a língua oral com as relações sociais e aos fenômenos linguísticos; e como os documentos oficiais abordam as variantes da língua. Analisam-se em seguida o livro didático e as propostas desenvolvidas em sala de aula, buscando demonstrar como a temática está sendo trabalhada na escola. A pesquisa de campo se complementa, por meio de aplicação de questionário com professores que atuam no Ensino Fundamental Inicial. O trabalho se encerra buscando responder as questões iniciais.

**Palavras-chave:** variações linguísticas, preconceito linguístico, livro didático.

## **ABSTRACT**

This work has since objective answers the next questions: Is the form since the language is worked, in the schools of initial basic teaching, contributing to increase the linguistic prejudices? Which must be the posture of the school before the linguistic varieties? This inquiry presents a theoretical and conceptual analysis on the linguistic variations, caused you shear leituras of Bagno (2007), Cagliari (1990), Antunes (2003), and others. The mistake idea is discussed while connecting the oral language with the social relations and to the linguistic phenomena; and like the official documents they board the variants of the language. There are analysed next the text book and the proposals developed in classroom, looking to demonstrate as the theme is being worked in the school. The field work is complemented, through questionnaire application with teachers who act in the Initial Basic Teaching. The work is shut in looking to answer the initial questions.

**Keywords:** linguistic variations, linguistic prejudice, text book.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO.....	9
2.1 O erro e a variação linguística.....	9
2.2 A variação linguística em documentos oficiais e o ensino de português .....	11
2.3 Propostas de como trabalhar a variação linguística.....	15
3 PESQUISA DE CAMPO .....	20
3.1 Análise da pesquisa de campo.....	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
REFERÊNCIAS .....	32
ANEXOS .....	33

## 1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, como qualquer outra língua, não é uniforme, pois é constituída de muitas variedades. Isso porque se trata de algo "vivo" e que se altera de acordo com a história e com a cultura dos falantes. As variações linguísticas dentro de uma língua (sotaques, gírias, dialetos) comumente geram preconceitos, os quais são chamados de preconceitos linguísticos.

A escola, quanto ao estudo da língua, tende a privilegiar a gramática normativa, a qual delimita o que é certo ou errado. Tal procedimento não leva em consideração o processo de variação ocorrido em todos os níveis linguísticos, a partir de fatores geográficos, sociais e culturais. Os métodos tradicionais, em um processo de normatização da língua, ao não considerar tais variações, torna a língua um objeto distante da realidade do aluno.

Dentro dessa perspectiva, vários autores analisam e justificam as variações linguísticas, levando a uma reflexão sobre aspectos sociolinguísticos que o ensino de Língua Portuguesa deve preocupar-se, contribuindo para que o aluno se expresse (oralmente ou por meio da escrita) de acordo com a situação social em que está inserido.

Essa pesquisa teve como objetivo investigar os métodos/recursos utilizados em sala de aula para o ensino da língua, verificando se as variações linguísticas são motivo de discussão e análise ou são apresentadas esporadicamente, como também, utilizadas para reforçar estereótipos. Nossa hipótese foi que os métodos utilizados possam ocasionar a supervalorização da gramática normativa, aumentando o preconceito linguístico entre os alunos.

A realização desta pesquisa se justifica, também, pela possibilidade de contribuir para uma análise de como as variações linguísticas estão sendo trabalhadas nas escolas públicas de Ensino Fundamental Inicial, na cidade de São Bernardo do Campo.

Para tal, buscamos investigar se a forma como a língua é trabalhada, nessas escolas, está contribuindo para aumentar os preconceitos linguísticos, bem como, qual é a postura da escola diante das variedades linguísticas.

A pesquisa adotada foi qualitativa, por se tratar de um tema decorrente de relações sociais, e foi à busca dos motivos e causas da problemática. Procurou investigar por meio de análise de livros didáticos as contribuições para o estudo da língua e suas variações, e buscou analisar a utilização desse recurso por meio de entrevista com professores. Dessa forma, tratou-se de uma pesquisa exploratória, bibliográfica e de campo.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira. No capítulo dois, fazemos a apresentação teórica da temática variação linguística, destacando a ideia de erro e como as variedades da língua são abordadas em documentos oficiais. Buscamos também, apresentar sugestões de propostas em sala de aula, sugeridas por Bagno, Cagliari e outros autores. Em seguida, descrevemos a metodologia utilizada, que consiste em análise de um livro didático e entrevista com 3 professores, propondo uma reflexão sobre as concepções de ensino da língua. Por fim, apresentamos nossas conclusões retomando nossas perguntas iniciais “A forma como a língua é trabalhada, nas escolas de ensino fundamental inicial, está contribuindo para aumentar os preconceitos linguísticos?”, “Qual deve ser a postura da escola diante das variedades linguísticas?”.



## **2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO**

Por muito tempo o estudo da língua foi restrito ao prescritivismo da gramática tradicional. Com o reconhecimento da linguística como ciência, a partir dos estudos de Saussure e, em especial, com os estudos da Sociolinguística, a língua passou a ser estudada de forma descritiva e valorizada também por seu caráter social.

Do ponto de vista linguístico, a língua é um sistema resultante de fatores sociais, (produto da coletividade) que refletem valores. A sociolinguística estuda esses fatores sociais que constituem uma variedade de sistemas linguísticos, chamados de variações linguísticas, buscando caracterizar a diversidade e a heterogeneidade desses sistemas.

Neste capítulo, discutiremos, a partir de conceitos da sociolinguística, algumas questões que têm se mostrado bastante pertinentes no que diz respeito à variação linguística e o ensino, a fim de saber se a forma como a escola trabalha as variações linguísticas está contribuindo para o preconceito linguístico ou para uma reflexão do uso da língua em diferentes contextos sociais.

Para alcançarmos uma possível resposta para esta problemática, precisamos entender primeiro como as pesquisas sociolinguísticas e os documentos oficiais têm trabalhado estas questões. Pensando nisto, organizamos este capítulo da seguinte maneira: na subseção 2.1 falaremos sobre as variedades linguísticas e a concepção de erro, na 2.2 discorreremos o que é proposto por alguns documentos oficiais sobre as questões relativas às variações linguísticas, na 2.3 refletiremos sobre a utilização do livro didático e apresentamos propostas para o trabalho com as variações linguísticas sugeridas por Bagno, Marcuschi e Cyranka.

### **2.1 O erro e a variação linguística**

A linguagem oral ou escrita apresenta diferentes funções (comunicar, persuadir, manipular, expressar, ordenar), sendo utilizadas em diferentes contextos sociais e por diferentes falantes. Esses falantes fazem parte de grupos sociais organizados através de um processo histórico e regional. Nessa dinâmica, a língua sofre alterações que dão origem às variações linguísticas.

Segundo Bagno (2007) os diferentes modos de falar uma língua se correlacionam com fatores sociais como: lugar de origem, idade, sexo, grau de instrução. Isso acontece

porque a língua se transforma no decorrer do tempo. Em um mesmo país, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes, que estão inseridos em uma sociedade que se transforma pelas relações sociais. Dessa forma, ocorrem diferentes tipos de variações, as quais dependem de fatores específicos, tais como: variação diastrática (ocorrem em uma comunidade específica, localizada na mesma região geográfica, considerando critérios como: classe social, idade, sexo, profissão), variação diatópica (são os vários sotaques regionais, o que marca a origem geográfica de uma pessoa), diafásica (quando o indivíduo adequa sua fala à situação social vivenciada), diacrônica (são as mudanças ocorridas em uma língua com o tempo/história), diamésica (são as variações entre a língua falada e escrita). (BAGNO, 2007, p. 46-47). Isso é realidade para qualquer língua, não apenas para o português.

A língua é um feixe de variedades, com características próprias, que se diferenciam entre si. Cada uma dessas variedades apresenta uma lógica de funcionamento, obedece regras próprias. Entretanto, as variações linguísticas não possuem o mesmo valor social, isso porque por trás de uma forma de falar há concepções políticas e ideológicas.

As variações decorrentes das relações de classes sociais de mais prestígio social e intelectual são vistas como “corretas”, enquanto as decorrentes de classes sociais de menor prestígio são consideradas inferiores e erradas.

(...) onde tem variação sempre tem também avaliação. Essa avaliação pode ser positiva, se a pessoa julgar que seu/sua interlocutor/a pertence a uma classe social mais privilegiada, tem “mais estudo”, exerce uma profissão valorizada socialmente (...). A avaliação é negativa quando as formas linguísticas usadas pela pessoa não correspondem ao ideal de “correção” previsto nas gramáticas normativas (...) a avaliação é essencialmente social, isto é, não é propriamente a língua que está sendo avaliada, mas, sim, a pessoa que está usando a língua daquele modo. (BAGNO, 2007, p. 77).

A relação de variação e avaliação apresentada pelo autor afirma que a sociedade concede valores sociais diferentes aos diferentes modos de falar, pois a essas variações são atribuídos conceitos de certo e errado, como também, sérias consequências de caráter político, social e econômico às pessoas que a falam. Caso uma pessoa queira assumir uma função de grande prestígio social, necessita utilizar a língua culta. Enquanto que, se uma pessoa provinda de uma classe social menos favorecida, com pouca instrução, fizer uso da norma culta causará um estranhamento em seus interlocutores. Isso porque se acredita que uma determinada forma de falar está associada a uma determinada classe social.

Ainda segundo Bagno (2007), o conceito de “erro” na sociedade tem a mesma origem das concepções de “certo” e “errado”, ou seja, essas concepções estão ligadas a visão

de mundo, de juízo de valores, de crenças culturais, de ideologia, sendo assim, sujeitas a mudanças com o tempo.

Cagliari (1990) afirma que os conceitos de certo e errado são utilizados pela sociedade para rotular indivíduos e classes sociais: “Essa atitude da sociedade revela seus preconceitos, pois marca as diferenças linguísticas com marcas de prestígio ou estigma.” (CAGLIARI, 1990, p. 82). Essa ideia de erro é reforçada pela gramática tradicional, que tem como objetivo fixar a língua padrão. Dessa forma, por muito tempo, a língua padrão foi indicada como a ideal para o ensino da Língua Portuguesa, sendo a escola a disseminadora da língua dita “correta”.

Entretanto, há reflexões que buscam uma transformação dessa prática a partir da conscientização de que o mais importante não é saber analisar uma língua dominando conceitos e classificações, mas dominar suas habilidades de uso em situações sociais concretas, compreendendo e produzindo enunciados orais e escritos. (ANTUNES, 2003).

Percebe-se que é impossível falar de língua oral e escrita sem relacioná-la às relações sociais e aos fenômenos linguísticos, como também, sem considerar que o valor atribuído às formas linguísticas está associado às condições sociais de seus falantes. Considerando que a escola é um lugar privilegiado para reflexão sobre o uso da língua e suas variações, o papel dessa instituição vai além da divulgação de uma única variante da língua (a língua culta). Na próxima seção analisaremos o que alguns documentos, que norteiam o trabalho em sala de aula, dizem sobre essas variações e seu ensino na escola.

## **2.2 A variação linguística em documentos oficiais e o ensino de português.**

Segundo Cagliari (1990), o aluno leva para a escola a variedade linguística do meio em que aprendeu a falar, a qual deve ser respeitada. Respeitar a variedade linguística do aluno implica em ensinar a variedade padrão, adequada às situações que a exigem, sem reduzi-la a única forma possível e aceitável a qualquer situação. Além disso, a escola não deve considerar as variantes linguísticas divergentes da forma culta como erro, mas como diferenças linguísticas. Isto porque não é possível rejeitar a existência de uma língua “certa” como instrumento de acesso ao círculo de prestígio social (BAGNO, 2007). Sendo assim, o papel da escola é ensinar a norma culta da língua, ao mesmo tempo em que faz o aluno refletir sobre as possíveis variações e suas adequações de uso. Tal concepção aparece claramente em documentos que norteiam o trabalho em sala de aula.

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p.21).

Com essa citação é possível constatar a afirmação do documento quanto à existência de variações linguísticas no país, como também, à existência de preconceito linguístico. Quando o documento faz essas afirmações, provoca uma reflexão sobre o papel da escola quanto a esses estigmas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) privilegiam uma concepção de ensino de língua interacionista e discursiva, colocando a língua como uma condição primordial para a participação do indivíduo na sociedade. Além disso, articula dois eixos para o estudo da Língua Portuguesa: o uso da língua oral e escrita e a reflexão sobre esses usos (ANTUNES, 2003). Há referências às variações linguísticas no documento, contudo essas aparecem em alguns momentos sendo associada apenas à oralidade.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. (...). É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p.21).

De acordo com Coelho e Gorski (2015), as concepções sobre as práticas de linguagem desse documento são: as situações reais de interação para o ensino da língua; uma língua heterógena sujeita a mudanças; o trabalho pedagógico articulado a ler, escrever, ouvir, falar e refletir sobre a língua; o uso da língua adequado às demandas sociais; o combate ao preconceito linguístico; a garantia da norma culta, mas não como forma privilegiada de expressão da língua.

Acreditamos que esses aspectos citados pela autora são articulados nos PCNs, considerando a variação linguística nas diversas modalidades de ensino da língua, pois a autora ainda afirma que nesse documento escrita e leitura são trabalhados articuladamente por meio de “a) uso da língua oral e escrita, que incorpora práticas de escuta e de leitura e práticas

de produção de textos orais e escritos; e b) reflexão sobre a língua e a linguagem, que incorpora práticas de análise linguística”. (COELHO e GORSKI, 2009, p.3).

Antunes (2003) ressalta que as variedades linguísticas tendem a ser associadas à oralidade, e o que é mais preocupante, a variedades dialetais. O papel da escola, no que se refere às variações linguísticas, deve ir além da associação à oralidade, nas diferentes situações comunicativas. O aluno precisa ser capaz de compreender que a língua é heterogênea, e que suas variantes são constituídas de regras próprias, refletidas não apenas na oralidade, mas também, na escrita.

A língua escrita também varia de acordo com a situação e também se transforma com o tempo. Comparando textos mais antigos com textos contemporâneos, observamos variações linguísticas que evoluíram historicamente, dando origem a diferentes formas de grafar uma palavra ou expressão (e isto não necessariamente está relacionado aos acordos ortográficos). Temos como exemplo a variação na escrita da palavra você (historicamente: Vossa Mercê, Vosmicê, e hoje você, ocê, vc, cê). Atualmente, com os gêneros virtuais, (muitos dos quais, mesmo sendo escritos, são concebidos oralmente) ficam mais claras as diversas variedades na escrita também.

Também é possível observar variações mesmo na língua escrita culta, pois se pensarmos que cada pessoa tem seu estilo de falar, duas pessoas que utilizam a língua culta, apresentaram variações em seu discurso, pois podem pertencer a regiões diferentes, terem diferentes idades ou profissões, por exemplo.

Para Marcuschi (1997) há um equívoco quando os PCNs afirmam que cabe a escola ensinar a fala, sendo que a função da escola é “analisar a fala em função da aprendizagem da escrita” (MARCUSCHI, 1997, p.44), mostrando suas diferenças e sua relação, ao mesmo tempo em que ensina o uso no contexto adequado a cada forma. Ainda acrescenta que, quando o documento sugere um trabalho com a oralidade reduzido aos gêneros mais formais (dramatizações, debates, seminários) de caráter acadêmico e de pouca ocorrência no cotidiano, ensina uma fala desvinculada da realidade. Isto porque as situações indicadas são artificiais devido ao contexto sugerido e pouco contribuem para o aprendizado de competências comunicativas reais. Dessa forma, a escola não deve se preocupar apenas com a formação de um “falante culto”, mas sim com um falante consciente das adequações de sua fala aos contextos de uso.

Considerando que nossa pesquisa foi realizada na rede pública de São Bernardo do Campo, buscamos analisar o que é dito sobre a temática, na Proposta Curricular de São

Bernardo do Campo. Nesse documento, nos temas *variações*, uma das afirmações que encontramos no documento é esta:

A escola tem como tarefa possibilitar a ampliação do repertório dos alunos e o domínio de recursos linguísticos. Para tanto, é necessário adotar procedimentos didáticos adequados de análise e reflexão sobre a língua, garantindo que eles tenham contatos frequentes com formas linguísticas que não conhecem e que precisam conhecer para se tornarem usuários competentes da língua. (SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2007, p.7).

Quando o documento afirma que os alunos precisam ter “contatos frequentes com formas linguísticas que não conhecem e que precisam conhecer para se tornarem usuários competentes da língua”, não especifica essas formas linguísticas, e muito menos propõe uma reflexão sobre as variantes da língua. Ainda ressalta, que há variantes da fala como maior valor social, quando afirma que “Socialmente, algumas formas de falar possuem maior prestígio do que outras. Cabe à escola lidar com os diferentes falares no sentido de garantir a todos os alunos possibilidades de desenvolvimento de competências do discurso oral.” (SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2007, p.4).

No decorrer do texto esses conceitos aparecem de uma forma mais direta em um dos objetivos para o segundo ciclo do Ensino Fundamental (4º e 5º ano): “Interagir com os grupos com os quais se relacionam acolhendo e respeitando as opiniões e as diferentes formas de falar”. (idem, p.12). Entretanto, tais referências ainda são insuficientes para uma proposta reflexiva e dinâmica com as variantes da língua.

Por sua vez, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que visa nortear o ensino nas escolas do país, os conceitos variações linguísticas e preconceito linguísticos são citados em vários momentos. As variações linguísticas são apontadas como um campo de conhecimento linguístico, que deve ser considerado para a construção de habilidades linguísticas, no estudo da Língua Portuguesa. Para tal, afirma que é necessário:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.

Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2017, p. 81).

Em outro momento, destaca a necessidade de uma reflexão sobre as variedades de prestígio:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2017, p.79).

Percebe-se que tanto nos PCNs como na Proposta Curricular de São Bernardo do Campo há traços de uma proposta sociolinguística, mas atribuem as variações linguísticas e a reflexão sobre elas predominantemente à oralidade, sendo que há ocorrências também desse fenômeno linguístico na escrita. Quanto a BNCC, esse documento busca propor um trabalho com as variações linguísticas, sendo um dos objetivos fundamentais o ensino da Língua Portuguesa. Contudo, não apresenta como esses conteúdos devem ser trabalhados, ou seja, não faz nenhuma referência a aplicações didáticas, nem menciona se o conteúdo deve ser parte de todas as aulas de língua portuguesa ou se a discussão deve se restringir a apenas uma apresentação formal em sala. Dessa forma, é possível constatar uma maior relevância das variedades da língua em documentos mais atuais, como a BNCC, o que comprova que está sendo atribuída a essa temática uma maior importância no estudo da língua. Vejamos então como se tem pensado este trabalho academicamente.

### **2.3 Propostas de como trabalhar a variação linguística**

Entre os diversos recursos didáticos que norteiam o trabalho com a Língua Portuguesa em sala de aula, o mais utilizado pelos professores são os livros didáticos. Esses, desde 1996, com o programa Nacional do Livro Didático (PNLD), são avaliados por linguistas e educadores antes de sua difusão. Mesmo assim, para Bagno (2007, p.119), “o tratamento da variação linguística nos livros didáticos continua sendo um tanto problemático”; consequência da falta de uma base teórica consistente, e de formas equivocadas do emprego de termos e de conceitos.<sup>1</sup>

Bagno (2007, p.125) sugere um roteiro, com dez questões, para análise de livros didáticos, quanto às propostas com as variações linguísticas.

- 1- O livro didático trata da variação linguística?
- 2- O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existe no Brasil?
- 3- O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?

---

<sup>1</sup> Autores de livros didático apresentam como exemplo de variações linguísticas tirinhas do Chico Bento (de Mauricio de Sousa) ou letras de samba de Adorinan Barbosa “Construímos nossa maloca/ Mas um dia, nem quero me lembrá/ Veio os homis c'as ferramentas/ O dono mandô derrubá.”

- 4- O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?
- 5- O livro didático separa a norma padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?
- 6- O tratamento da variação do livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?
- 7- O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua nas outras seções, a tratar do certo e do errado?
- 8- O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro?
- 9- O livro didático aborda o fenômeno mudança linguística? Como?
- 10- O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?

Além disso, o autor nos lembra de que quando o livro tratar das variedades linguísticas, cabe ao professor analisar se ele apresenta o plurilinguismo brasileiro, e se a temática analisada vai além das variedades rurais e regionais, considerando também as variedades urbanas. Ainda é importante verificar se há distinção entre norma-padrão, “as variedades linguísticas reais, empiricamente observáveis, autênticas, que caracterizam a fala e a escrita dos cidadãos urbanos, letrados e socioeconomicamente privilegiados” (idem, 2007, p. 130), e norma culta, “conjunto de regras padronizadas descritas e prescritas em estágios passados da língua e principalmente nas opções de um grupo restrito de escritores consagrados” (idem, 2007, p. 130). Outros aspectos a serem analisados são: a relação entre fala e escrita, pois por muito tempo acreditava-se que a fala, por ser mais espontânea, era independente da escrita; os fenômenos das mudanças linguísticas; e a apresentação das variedades, que muitas vezes é trazida apenas para validar a norma-padrão.

O objetivo desse roteiro proposto por Bagno (2007) é subsidiar o professor para uma análise crítica e reflexiva do livro didático. O autor afirma que se faz necessária uma análise criteriosa das atividades sugeridas nos livros, pois apesar de apresentarem um grande avanço no conceito de educação linguística, as questões ainda são falhas e distorcidas. Primeiro por não abordarem situações autênticas da nossa realidade linguística, depois por explorarem apenas análise de variações regionais limitando-se ao estudo de sotaque e vocabulário.

Zilles e Faraco (2015, p. 20-21) apresenta a mesma crítica aos livros didáticos afirmando que esse recurso trata de forma superficial o tema aqui decorrido, ao se limitar à apresentação de variações geográficas, muitas vezes estereotipando as falas rurais. Além



disso, comumente deixa de lado a variação social “já que é ela que serve de critérios para os gestos de discriminação dos falantes e de violência simbólica”. (p. 20)

Segundo Marcuschi (1997, p. 74-75), as propostas didáticas precisam tratar de questões sociolinguísticas e discursivas que levam a:

- Distinguir a fala de diversas regiões do país por meio de gravações de áudios, gravações áudio-visuais de novelas, debates televisivos;
- Oferecer um conjunto variado de gêneros textuais da fala para discutir o uso da oralidade em diferentes contextos sociais;
- Proporcionar situações de argumentação, salientando as características próprias desse gênero;
- Refletir sobre o que a fala pode dizer de uma pessoa, e o que a distingue das demais.

Para o autor, além da variação linguística, todas as propostas didáticas, nas aulas de Língua Portuguesa, deveriam envolver também o trabalho com a oralidade e a análise discursiva, porque os indivíduos se constituem nas relações dialógicas. Assim, cabe a escola “ensinar os alunos a perceberem a riqueza que envolve o uso efetivo da língua como um patrimônio maior do qual não podemos abrir mão” (idem, 1997, p. 75).

Para Cyranka (2016), o professor precisa considerar a realidade sociolinguística de sua sala de aula, levando os alunos a compreenderem que as variações linguísticas são um fenômeno natural. Para isso, a temática deve ser tratada com critérios pedagogicamente consistentes, levando os alunos a ampliarem sua competência comunicativa.

(...) são inúmeras as possibilidades de construção de propostas de observação e análise de textos em diferentes gêneros orais e escritos: entrevistas, debates, conversas gravadas pelos próprios alunos, com diferentes interlocutores e em situações diversas, desde a conversa em uma roda de amigos às explicações dos professores em sala de aula; revistas em quadrinhos, e-mails, WhatsApp, propagandas, anúncios, outdoors, textos dos livros didáticos, estatutos, artigos científicos, poesias, contos, etc. (CYRANKA, 2016, p. 171).

Ainda segundo o autor, as amostras apresentadas para a reflexão sobre as variedades devem ser comparadas com as registradas na gramática normativa, para que os alunos construam uma visão crítica desses manuais e ampliem sua competência comunicativa “tornando-se cada vez mais capazes de selecionar a estrutura que atendam sua intenção comunicativa” (CYRANKA, 2016, p. 171-172).

Retomando o texto de Bagno (2007), o autor sugere que o trabalho com as variedades linguísticas seja a partir de situações reais, fazendo delas um objeto de ensino específico para recorrer a outras fontes de dados linguísticos (o que ele chama de variedades linguísticas autênticas). Ao invés de listar palavras que variam de um lugar para o outro, ou fazer imitações grotescas de sotaques, o professor deve buscar diversas filmagens e gravações que ilustram as variedades brasileiras. É possível também recorrer a materiais autênticos que ilustram a origem regional e social dos próprios alunos.

Muitos e bons documentários vêm sendo produzidos por cineastas sensíveis que buscam retratar aspectos peculiares de determinadas regiões e comunidades. Os canais de televisão educativa (...) realizam excelentes programas jornalísticos que focalizam os mais diferentes grupos sociais (...). Outra fonte riquíssima e facilmente acessível é o Portal do Museu da Língua Portuguesa na internet. (BAGNO, 2007, p. 124).

Um exemplo de situações não reais trabalhadas na escola são as práticas presentes no livro didático como a de reescrever a fala de personagens com um dialeto regional, pedindo para que o aluno a transcreva para a norma culta, desvaloriza as diferenças socioculturais “Se o Chico Bento passa a falar “segundo a norma culta”, ele simplesmente deixa de ser o Chico Bento!” (BAGNO, 2007, p. 123).

O autor ainda acrescenta que nos livros didáticos tende-se a atribuir as variações apenas aos falantes rurais, analfabetos e pobres. Dessa forma, é importante desenvolver atividades que investiguem a fala urbana escolarizada. Assim, estaremos promovendo no ambiente escolar o respeito pelas diferenças linguísticas, mostrando por meio das lógicas linguísticas que estruturam essas variações, que elas não são erros, mas retratam a língua real e autêntica utilizada por falantes urbanos. (idem, 2007, p.125).

Quando a criança chega à escola, por volta dos cinco anos de idade, ela já traz vários conhecimentos sobre sua língua, pois apresenta um vasto vocabulário e capacidade de interação comunicativa. Ela aprende sua língua de forma natural, da mesma forma que aprendeu a caminhar. Assim, “não faz sentido atribuir ao professor de língua materna a função de iniciar os alunos na prática da língua: nesse ponto ele tem uma função diferente dos professores de matemática ou ciências (...)” (ILARI e BASSO, 2012, p. 230). Cabe ao professor utilizar os conhecimentos que o aluno traz, para que ele utilize de maneira mais eficaz possível todas as funções próprias da língua. Para que isso seja possível o aluno precisa compartilhar com diferentes interlocutores diferentes situações linguísticas (escritas e orais).

O papel da escola tem sido desenvolver no aluno a competência linguística das classes mais cultas. Assim leva o aluno a “monitorar de maneira consciente seu próprio desempenho linguístico” (idem, 2012, p.231) por meio de correções e de sistematização gramatical. Se isto for mal compreendido, pode passar a ideia para a sociedade de que escrever bem é escrever correto, e escrever correto é escrever de acordo com a norma culta. Sendo assim, o professor deveria deter e ensinar as formas ditas corretas, assumindo um papel de detentor dos conhecimentos de prestígio social (literatura, gramática, vocabulário). Não podemos negar a importância de se ensinar a língua culta aos alunos, visto que é ela que lhe dará acesso e voz em situações de interação mais formais, mas isso não dicotomiza com a importância de se discutir variação linguística em sala, pois o aluno precisa entender a ideia de adequação de linguagem ao contexto de uso.

Para Ilari e Basso (2012), o professor de língua materna precisa conhecer sua língua tanto na teoria (bibliografias que falem da estrutura, história e variedade da língua) como na prática (saiba escrever, interpretar, analisar, argumentar de forma satisfatória), como também, conhecer e compreender as diversas representações da língua que circulam na sociedade, percebendo a carga ideológica presente nas variações linguísticas e as denunciando quando indicarem preconceito.

Para a escola aceitar a variação linguística como um fato linguístico, precisa mudar sua visão de valores educacionais. Enquanto isso não acontecer, os professores mais bem esclarecidos deveriam pelo menos discutir o problema da variação linguística com seus alunos e mostrar-lhes como os diferentes dialetos são, por que são diferentes, o que isso representa em termo de estrutura linguísticas das línguas e, sobretudo, como a sociedade encara a variação linguística, seus preconceitos e a consequência disso na vida de cada um (CAGLIARI, 1990, p. 82).

Nesta perspectiva, quanto ao uso de livro didático acreditamos, assim como Bagno (2007), que cabe ao professor avaliar se o recurso trata das variedades linguísticas, e como essas são apresentadas (para reflexão e conhecimento sobre as diversas possibilidades de variação da língua ou para validar a norma-padrão). Nessa perspectiva, o papel do professor é conscientizar os alunos sobre as diferentes variedades da língua, do valor social que elas manifestam, e adotar uma política linguística acerca do ensino de língua materna, para o combate ao preconceito linguístico.

No próximo capítulo analisaremos um livro didático, dentro da concepção dos autores abordados nessa pesquisa, e apresentaremos uma entrevista com alguns professores que o utilizam, a fim de saber como a discussão proposta pelo livro didático chega à escola.

### 3 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa adotada foi qualitativa e, por se tratar de um tema decorrente de relações sociais, foi à busca dos motivos e causas da problemática. Buscou investigar por meio de análise do livro didático as contribuições para o estudo da língua e suas variações. Além disso, foi realizada uma entrevista com 3 professores, para análise de propostas e intervenções quanto às variações linguísticas apresentadas em sala de aula pelo professor. Assim, tratou-se de uma pesquisa exploratória; bibliográfica e de campo.

Em nossa investigação constatamos que os livros didáticos adotados pelas escolas públicas de Ensino Fundamental são distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Esses livros são aprovados conforme normas publicadas em edital, entre eles, cada escola escolhe aquele que vai ao encontro do seu projeto político pedagógico. Na tabela a seguir, vemos alguns livros destinados ao Ensino Fundamental 1 que compõem a lista PNLD de 2016.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO Programa Nacional do Livro Didático - PNLD					
ENSINO FUNDAMENTAL I - 1º AO 5º ANO					
PNLD 2016 - Coleções mais distribuídas por componente curricular					
Língua Portuguesa - 4º e 5º Ano					
Seq.	Código Livro	Título do Livro	Tipo L: Livro do Aluno M: Livro do Professor	Qtde de Exemplares	Qtde por Coleção
1º	27706C0122	ÁPIS - LÍNGUA PORTUGUESA 4º ANO	L	503.624	1.045.205
	27706C0122	ÁPIS - LÍNGUA PORTUGUESA 4º ANO	M	18.662	
	27706C0123	ÁPIS - LÍNGUA PORTUGUESA 5º ANO	L	504.194	
	27706C0123	ÁPIS - LÍNGUA PORTUGUESA 5º ANO	M	18.705	
2º	27889C0122	PROJETO BURITI - PORTUGUÊS	L	333.497	689.283
	27889C0122	PROJETO BURITI - PORTUGUÊS	M	12.146	
	27889C0123	PROJETO BURITI - PORTUGUÊS	L	331.557	
	27889C0123	PROJETO BURITI - PORTUGUÊS	M	12.083	
3º	27877C0122	PORTA ABERTA - EDIÇÃO RENOVADA - LÍNGUA PORTUGUESA	L	297.863	618.415
	27877C0122	PORTA ABERTA - EDIÇÃO RENOVADA - LÍNGUA PORTUGUESA	M	11.110	
	27877C0123	PORTA ABERTA - EDIÇÃO RENOVADA - LÍNGUA PORTUGUESA	L	298.257	
	27877C0123	PORTA ABERTA - EDIÇÃO RENOVADA - LÍNGUA PORTUGUESA	M	11.165	
4º	27902C0122	PROJETO COOPERA LÍNGUA PORTUGUESA	L	190.440	392.521
	27902C0122	PROJETO COOPERA LÍNGUA PORTUGUESA	M	6.960	
	27902C0123	PROJETO COOPERA LÍNGUA PORTUGUESA	L	188.209	
	27902C0123	PROJETO COOPERA LÍNGUA PORTUGUESA	M	6.912	
5º	27802C0122	LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO	L	160.874	332.518
	27802C0122	LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO	M	5.739	
	27802C0123	LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO	L	160.164	
	27802C0123	LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO	M	5.741	
6º	27880C0122	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	153.557	317.546
	27880C0122	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	5.611	
	27880C0123	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	152.758	
	27880C0123	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	5.620	

Tabela 1: lista de livros destinados ao Ensino Fundamental I que compõem a lista PNLD de 2016

Segundo informações do site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/dados-estatisticos>) a Coleção Projeto Buriti-Português foi a segunda coleção mais distribuída no país, como vemos na tabela acima. Na rede Municipal de São Bernardo do Campo, o livro “Projeto Buriti Português” 5º ano, da editora Moderna foi escolhido por várias escolas, entre elas a escola onde lecionam os professores que participaram dessa pesquisa. Por esses motivos o escolhemos para análise de nossa pesquisa.

O livro é organizado em nove capítulos. Cada capítulo é composto de dois textos, de gêneros diferentes, que servem de base para o estudo linguístico proposto pelo livro. As atividades propostas, nos capítulos, são organizadas em leitura e interpretação de texto, gramática, ortografia, comunicação oral e comunicação escrita.

Nas orientações e subsídios ao professor (contidos no manual do professor), em vários momentos, são feitas referências aos PCNs, ressaltando a importância de o aluno conhecer os diferentes gêneros, sua função social e saber utilizá-lo de acordo com suas necessidades. Quanto à tarefa de oferecer ao aluno o domínio da língua culta, os organizadores ressaltam que essa é possível por meio do trabalho de escuta de textos, leitura e produção.

No material é destacado que o falante precisa empregar a língua de maneira “adequada e eficaz”, e em seguida, ressalta que o falante não pode discriminar ou ser discriminado pela sua forma de falar. Mas se há uma forma adequada de se utilizar a língua em uma situação comunicativa, como valorizar e respeitar as demais formas? Talvez a proposta seja a formação de falantes que conheçam as variedades linguísticas, as respeite, e as utilize de acordo com o contexto. Porém, acreditamos que essa ideia não está clara e definida, pois em nenhum momento o material do professor faz referência ao termo variações linguísticas, e muito menos ao preconceito linguístico.

De acordo com o livro do professor, as propostas de oralidade do livro têm como fundamentação as ideias de Delia Lerner, Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, que enfatizam a importância do ensino de gênero oral. Para esse trabalho é sugerido que o professor utilize material de áudio (CD, DVD) com narração de contos, poemas, gravações de entrevistas; para serem utilizados como modelo de produção oral.

Com essas ferramentas, pretendemos nos aproximar dos objetivos propostos por Delia Lerner:

- **formar falantes versáteis:** que empregue a língua de maneira adequada e eficaz na mais diversas situações comunicativas, que não discriminem e nem sejam discriminados pelo modo como usam a língua;
- **formar falantes que sustentam verdadeiros diálogos** em cujo transcurso se esforcem para compreender a linha argumentativa do outro e desenvolvam conscientemente a própria; que possam tomar palavra para expor seus pontos de vista, para perguntar, pedir ou reclamar – mesmo em situações comunicativas em que seja difícil fazê-lo (...) (SANCHEZ, 2014, p. 257 e 258).

Ao especificar o trabalho com leitura e escrita, mais uma vez, percebe-se a preocupação em estabelecer com clareza os propósitos comunicativos dos gêneros textuais. “Os usuários da Língua Portuguesa, diariamente, selecionam gêneros adequados para a organização de seus discursos (...). Assim, os propósitos comunicativos é que irão definir o que ler e escrever” (SANCHEZ, 2014, p. 243).

O material proposto para apoiar o professor na utilização do livro didático apresenta traços de uma concepção sociolinguística de estudo de língua. Quando o material afirma, que para a formação de um falante versátil é necessário que a língua seja empregada adequadamente nas diversas situações comunicativas, acreditamos que está defendendo que as variações linguísticas sejam respeitadas e o seu uso adequado à situação comunicativa. Nesse sentido, o respeito às variações linguísticas sugere que o aluno seja capaz de utilizar a língua formal ou informal, suas diversas variedades, em situações que as exigem.

Devido às faltas de concepções claras observadas no material do professor, espera-se que no material didático não haja muita discussão a ser feita com os alunos sobre a variação linguística. Por esse motivo nossa primeira busca foi às atividades de oralidade, onde acreditamos haver mais chance de encontrá-las, visto que a escola tende a não apresentar as variações na escrita, mas apenas na fala. Entretanto, como muitos gêneros escritos são concebidos na oralidade, poderia ser sugerida a variação nestes casos. Assim, incluiremos propostas de comunicação oral e escrita em nossa análise.

Para análise, foram selecionadas uma atividade de oralidade e uma de escrita, considerando o que é proposto para o aluno e o que é indicado para o professor nas orientações e subsídios ao professor.

A primeira atividade analisada (Anexo A) propõe um debate a partir da leitura de um texto, com a temática “existência de seres extraterrestres”. Após a leitura o aluno deve preparar-se para o debate fazendo anotações sobre o tema e planejando argumentos. O material também apresenta as seguintes orientações:

Realização do debate:

- Um aluno de cada vez expõe sua opinião e explica por que pensa desse modo.
- Fale com clareza e um tom de voz que todos ouçam
- Ouça os outros com atenção e respeite todas as opiniões
- Se quiser argumentar contra a opinião de alguém, faça um sinal com a mão e aguarde a oportunidade de falar.

O professor é orientado a ser o mediador da situação garantindo os procedimentos adequados a um debate como: ouvir o outro, expor as ideias com clareza, respeitar as opiniões dos outros, argumentar para defender uma opinião.

Acreditamos que por meio do trabalho com debate o aluno aprende a argumentar, defender seu ponto de vista. Quando faz anotações, preparando-se para o debate, observa a diferença de um debate oral com um amigo sobre determinado tema, e o texto escrito, assim aprende a utilizar a linguagem de várias maneiras transcrevendo o discurso falado para o discurso escrito, fazendo escolhas linguísticas.

Essas e outras propostas de trabalho com a oralidade no livro didático analisado (seções: Relatando uma aventura, Dramatizando, Encenando, Contando histórias divertidas, Relatando uma aventura, Contando curiosidades, Fazendo propaganda, Expondo uma invenção, Entrevistando) sempre são antecipadas por um texto escrito que apresenta a temática e o gênero que será desenvolvido na situação de oralidade. Como também, a atividade de oralidade é planejada pelo aluno, por meio de anotações, roteiros, e até mesmo da escrita na íntegra do texto que será utilizado oralmente. Vejamos algumas propostas:

Contando histórias divertidas: “Escolha uma história bem divertida para contar a seus colegas: uma crônica, uma piada ou um conto bem curto. Ensaie o reconto da história escolhida para apresentar oralmente no dia combinado com o professor e a classe.” (SANCHEZ, 2014, p.21).

Dramatizando: Leia este trecho da cena 5 de O menino que virou história (Anexo B). Siga as orientações do professor e faça, com os colegas, uma leitura expressiva desse texto (idem, 2014, p.75)

Assim, podemos constatar que a escrita é utilizada como base da oralidade, não sendo essa espontânea e sem planejamento, o que acaba regulando a linguagem utilizada nas propostas de comunicação oral. Em todas elas também há orientações para o aluno e para o professor mediador quanto às características dos gêneros e a postura do aluno (entonação, pronúncia das palavras, expressão corporal nas atividades de encenação e dramatização, atenção a quem está falando).

Na proposta “Contando histórias divertidas”, as orientações para o professor, ressalta as variedades na fala, não colocando as marcas de oralidade como erro, mas direcionando as escolhas do aluno para uma adequação à situação comunicativa:

Oriente o aluno a copiar o texto selecionado em uma folha avulsa para facilitar o ensaio. Esse texto escrito, porém, apenas apoiará a apresentação (...). Nos ensaios, ajude os alunos a evitar a representação de palavras que são marcas comuns da oralidade, tais como “né”, “daí”, “então”, mas que podem tornar cansativa a narração da história. Aproveite para explicar que essa é uma das diferenças da fala, num registro mais informal, como a conversa cotidiana, de outras situações em que ela se apoia num texto escrito, como nesse caso. (SANCHEZ, 2014, p. 274).

Podemos observar, que em vários momentos, há referência à linguagem que deve ou pode ser utilizada na situação comunicativa, formal ou informal. Sendo o objetivo dessas orientações para mostrar ao aluno que ele deve ter algum monitoramento linguístico, ou seja, adequar a fala à situação comunicativa. Além disso, todas as situações sugeridas são utilizadas como um objeto didático, não há sugestões para um trabalho com situações reais do cotidiano dos alunos, onde o professor possa explorar as situações linguísticas espontâneas e as variações da comunidade do qual o aluno faz parte, lembrando que esse livro é utilizado em diferentes regiões do país.

Marcuschi (1997) nos faz pensar quando afirma que o ensino de gêneros orais em contexto artificiais, desvinculado da realidade, pouco contribuem para o aprendizado de competências comunicativas reais. A preocupação desse tipo de trabalho é a formação de “falante culto”, que utiliza a língua-padrão, e não um falante consciente das adequações de sua fala aos contextos de uso.

A segunda atividade analisada (Anexos C e D) tem como objetivo a comunicação escrita. Trata-se de uma proposta de produção de texto instrucional, tendo como finalidade a conservação do ambiente escolar. Para orientar a produção do aluno são feitas perguntas. Quanto à linguagem, duas perguntas focam esse aspecto: “Que tipo de linguagem você usará no texto: formal ou informal?”, “Que modo verbal é mais adequando a um texto instrucional?”.

O material sugere uma discussão sobre o tipo de linguagem que poderá ser utilizada (formal ou informal), mas não apresenta subsídios para essa “escolha”. Nas orientações para o professor não faz referência à linguagem que deve ser usada na produção ou como o professor pode mediar a discussão sobre aspectos linguísticos. Apenas faz



orientações sobre procedimentos de produção (rascunho, revisão), preocupando-se com a finalidade do texto e o conteúdo.

Acreditamos que essa proposta é uma excelente oportunidade para uma discussão sobre a linguagem. O professor pode levar os alunos a discutirem qual seria a linguagem mais adequada à situação comunicativa sugerida, e ao interlocutor. Zilles e Antunes afirmam que:

Nesse sentido, ganha interesse fazer os alunos perceberem as diferenças (lexicais, sintáticas, discursivas) que caracterizam a fala formal e a fala informal, destacando-se assim, a variabilidade de atuação que a língua pode receber, de acordo com as diferenças concretas da situação comunicativa. (2015, p. 113)

Outra proposta onde é possível uma reflexão produtiva sobre o uso da linguagem forma ou informal adequada à situação comunicativa é a leitura de um blog e a escrita de um post. Além da discussão das características e função social desses gêneros o livro didático propõe ao professor:

Antes de iniciar as atividades, pergunte aos alunos:

1(...)

2 A linguagem empregada é mais formal ou mais informal? A linguagem tende a ser mais informal, por ser bastante emotiva, revelando sentimentos e impressões de quem escreve. (SANCHEZ, 2014, p. 287).

O livro ainda apresenta atividade de gramática, demonstrando as regras da gramática normativa, e ortografia. Como por exemplo, reescrever frases modificando os verbos do presente para o passado, ou completar frases com mal e mau. Sem fazer referências em que contextos essas regras devem ser utilizadas.

A temática variação linguística aparece explicitamente em uma tirinha do Chico Bento no final de uma página (Anexo E). A tirinha está “perdida” no livro, logo abaixo de uma proposta de produção de cartazes, como um texto complementar para leitura. No material do professor não é feita uma referência a ela, apenas há uma frase logo abaixo do quadrinho: “Os quadrinhos da personagem Chico Bento procuram imitar as marcas da fala da modalidade caipira do português.”. Como já mencionado anteriormente (BAGNO, 2007), referências a tirinhas do Chico Bento não é um material adequado para análise linguística brasileira, pois desvaloriza as diferenças socioculturais atribuindo as variações a falantes rurais, analfabetos e pobres, além de não tratar de manifestações autênticas da realidade linguística do aluno.

Encontramos também, variações em um exercício cujo objetivo é o trabalho com ortografia (verbos terminados em ISAR e IZAR). Nessa proposta o aluno deve completar um Rap com os verbos de um quadro (profetizar, analisar, utilizar):

O **papo** é muito sério/você deve \_\_\_\_\_  
 Evitar desperdício/quando a água \_\_\_\_\_  
 Se continuar assim.../ninguém quer \_\_\_\_\_  
 mas **tá na cara, tá ruim**/ela pode acabar! (SANCHEZ, 2014, p.96, grifo nosso).

Nas Orientações e subsídios ao professor há as seguintes informações sobre o gênero:

Caso os alunos não conheçam o rap, informe-os que é um gênero musical originário dos Estados Unidos, cujos versos, muitas vezes improvisados, protestam contra a pobreza, a violência e a falta de oportunidade das comunidades menos favorecidas da sociedade. O Rap também faz parte de um amplo movimento cultural chamado Hip Hop, que também inclui o grafismo. (SANCHEZ, 2014, p. 308).

Dessa forma, quando as variações linguísticas aparecem associadas a um gênero que circula em um grupo social considerado desfavorecido socialmente, é necessário ficarmos atentos para que essas variantes não sejam vistas como uma variante que mereça menos prestígio social. Nesse aspecto, esse texto pode proporcionar reflexões produtivas sobre preconceito linguístico. Entretanto, podemos constatar que o livro didático não apresenta orientações explícita para uma reflexão sobre preconceito linguístico, ficando a critério do professor a forma como irá conduzir o desenvolvimento da atividade proposta. Nesse contexto, é importante sabermos as concepções de língua do professor e como ele conduz as atividades do livro didático.

Ainda precisamos considerar que as variações linguísticas aparecem em momentos bem pontuais (e em casos que necessitam discussão, quando podem reforçar o estereótipo do caipira ou de variantes de menos prestígio), apresentam apenas propostas que possam discutir sobre a linguagem formal e informal (pois sabemos que as variantes da língua vão além da formalidade e da informalidade), e que quando essas são sugeridas não subsidiam o professor para realizá-las. O papel do professor que utiliza esse livro em suas aulas passa ser de fundamental importância para a formação linguísticas dos alunos. Nesse contexto, resolvemos complementar nossa pesquisa entrevistando alguns professores.

O professor em sala de aula tem total autonomia para desenvolver suas aulas, fazer suas escolhas didáticas para ser um mediador do processo de ensino aprendizagem. Se o

material didático utilizado não contempla os conteúdos necessários para a formação dos alunos, além da necessidade de dar maior atenção à escolha de livros didáticos que estejam condizentes que sua visão teórica, cabe ao professor buscar caminhos para que sua sala de aula se torne um ambiente de pesquisa e reflexão sobre a língua.

Neste contexto, propusemos uma entrevista por escrito formada por seis questões abertas com professores da rede pública de São Bernardo do Campo, que utilizam o livro didático analisado em suas aulas. O objetivo do questionário foi avaliar o que os professores compreendem por variações linguísticas e como desenvolvem essa temática em sala de aula.

Os professores entrevistados, os quais chamaremos de: 1, 2 e 3; são polivalentes, pois ministram aula para turmas do Fundamental Inicial em diferentes disciplinas, todos na mesma unidade escolar.

O tempo que exercem a profissão e a formação dos professores são:

- a) professor 1, 11 anos, Pedagogia e Pós-graduação em docência e gestão;
- b) professor 2, 21 anos, Pedagogia, Pós-graduação em Ciências da Natureza e Pós-graduação em Alfabetização (cursou dois anos no curso de Letras, mas não concluiu);
- c) professor 3, 5 anos, Pedagogia.

Propusemos, aos professores citados acima, as seguintes questões:

1. O que você entende por variações linguísticas?
2. Você acha importante o aluno aprender a língua culta desde pequeno? E as variantes que o aluno conhece devem ter, em sua opinião, espaço para estudo na sala de aula?
3. Observa situações de preconceito linguístico dentro da sala de aula? Como costuma reagir diante disso?
4. O livro didático, utilizado em sala, aborda em sua opinião, questões de variação linguística? Como você aborda tais questões em sala?
5. Você utiliza algum recurso ou situação do cotidiano de seus alunos, para abordar a temática variação linguística, em suas aulas? Ou utiliza apenas as situações propostas no livro didático?
6. Você acha que com o ensino da variação linguística em sala os alunos podem deixar de utilizar a norma culta da língua? Por quê?

A seguir descreveremos a síntese das respostas dos professores pesquisados.

### 3.1 Análise da pesquisa de campo.

Quanto ao que entendem por variações linguísticas, os entrevistados associam a variações linguísticas às variedades regionais, apenas um complementa sua resposta acrescentando que “a sociedade encontra-se em manifestações de linguagem diferentes no mesmo espaço” (professor 3), ampliando a ideia de variações. O professor 2 ressalta que as variações são resultado de modismos culturais e das redes sócias, o que contribui para o empobrecimento do vocabulário e da escrita.

Acreditam que é de fundamental importância que o aluno aprenda a norma culta desde pequeno, pois quando mais cedo isso acontecer mais facilmente se apropriará da norma culta.

O professor 1 afirma que não há a necessidade de trazer para a sala de aula as variantes conhecidas pelo aluno, pois esse não é o papel da escola. Porém, caso surja uma situação de preconceito linguístico em sua sala, coloca a situação em discussão reforçando o respeito às variedades regionais. Já o professor 3 diz considerar as variantes linguísticas conhecidas pelos alunos, pois na comunidade dos alunos há uma vasta diversidade cultural. Os casos de preconceito linguísticos são raros em sua sala de aula, porém quando ocorrem vê como papel do professor a responsabilidade de conscientização a essas diversidades “não há uma língua certa ou errada, mas a forma culta que se adequa para uma melhor comunicação”. Enquanto que, o professor 2 diz se deparar com preconceito linguístico na escrita. Ao corrigir as produções dos alunos e observar o espanto deles ao se depararem com determinados usos da língua conscientizando-se que esses não fazem parte da língua culta (como gírias). Esse professor ainda acrescenta “Acredito que necessita-se de conhecimento, e uso da linguagem correta, cobrança sim, uma vez que a base para uma boa escrita é o conhecimento da sua língua formal”.

Quanto ao livro didático utilizado pelos professores (o mesmo utilizado em nossa análise), o professor 1 diz que há atividade que trata das variações linguísticas, e que as utiliza como curiosidade em suas aulas. Sendo esse o único recurso utilizado para trabalhar a temática. O professor 3 ressalta que há uma abordagem bem sucinta sobre o conteúdo e “um olhar bem superficial das variedades que encontramos no dia-a-dia da escola”. Além das propostas do livro, ele traz para sua sala de aula músicas, textos, filmes que apresentam variantes linguísticas, para proporcionar o contato deles com as variantes. O professor 2 comenta que os livros didáticos focam apenas os gêneros textuais e não o estudo da língua,

sendo necessário complementar esse estudo. Diz levar para sala de aula recurso audiovisuais, realiza discussões sobre a norma culta.

A questão sobre o ensino de a variação linguística levar os alunos a deixarem de utilizar a norma culta, houve grande divergência de opiniões entre os professores. O professor 1 afirmou que “Tudo que é usado com frequência torna-se constante. A escola é lugar de ensinar a norma culta”. Por outro lado, o professor 3 acredita que “Não!(...). O aluno passa a entender as diversas formas de se expressar e comunicar, em diversos locais, entendendo a função e quando irá implementar cada forma linguística diante do meio em que se encontra”. Já o professor 2 diz que depende do professor que pode proporcionar textos e exemplos do uso dos tipos de linguagem, sem deixar de cobrar o conhecimento da gramática e ortografia convencional. “Quem fala, escreve e lê bem, com repertórios organizados e embasados nas regras existentes, menos veremos dificuldades, empobrecimento e má utilização dos recursos linguísticos”.

Com a pesquisa observamos que para a maioria dos professores o papel da escola é apenas o ensino da norma culta. Quando fazem referências à variação linguística as associam unicamente aos dialetos regionais. Privilegiam os conteúdos apresentados pelo livro didático, acreditando que esse recurso contempla o que o aluno precisa aprender, porém, alguns se preocupam em oferecer outros recursos que irão favorecer o contato em sala de aula com as diferentes manifestações linguísticas (acreditamos que isso possa proporcionar discussões e reflexões sobre a temática). Um aspecto importante observado na fala dos professores é a preocupação com o preconceito linguístico. Mesmo o professor que não acredita que seja papel da escola ensinar as variantes da língua, preocupa-se que as variantes ocorridas em sala de aula sejam respeitadas.

Finalizamos esse capítulo onde tentamos demonstrar como as variações linguísticas estão sendo trabalhadas nas escolas de Ensino Fundamental Inicial, na rede de São Bernardo do Campo, por meio da análise do livro didático “Projeto Buriti Português” 5º ano, da editora Moderna (a segunda coleção mais distribuída no país); e através de entrevistas com professores que utilizam esse livro, com o objetivo de avaliar qual a concepção de língua desses professores e como eles desenvolvem em sala de aula a temática pesquisada. A seguir apresentaremos nossas considerações finais.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos, reflexões e propostas apresentadas nessa pesquisa, sugerem uma concepção de ensino da língua que a vê como um fenômeno natural, que não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. Seu uso varia de região para região, de classe social para classe social e até mesmo de indivíduo para indivíduo. A partir dessa perspectiva, buscamos responder a duas perguntas: A forma como a língua é trabalhada, nas escolas de ensino fundamental inicial, está contribuindo para aumentar os preconceitos linguísticos? Qual deve ser a postura da escola diante das variedades linguísticas?

A pesquisa constatou que a forma como as variações linguísticas estão sendo tratadas na escola demonstram uma preocupação para a extinção do preconceito linguístico, entretanto as reflexões propostas sobre a temática não trazem grandes contribuições para que as variações da língua sejam analisadas e consideradas no contexto escolar. Sendo que, o papel da escola de acordo com os documentos oficiais e diferentes autores é propor uma reflexão sobre aspectos sociolinguísticos, contribuindo para que o aluno se expresse de acordo com a situação social em que está inserido.

O percurso iniciou com a fundamentação teórica, por meio de principais estudos e conceitos de autores como: Bagno (2007), Cagliari (1990), Antunes (2003) entre outros; e de alguns documentos oficiais de ensino da língua: Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa (1997), A Proposta Curricular de São Bernardo do Campo (2007) e a Base Curricular Nacional (2017).

Para nos aproximarmos mais do que é vivenciado em sala de aula, fizemos uma análise, pautada na literatura levantada, do livro didático “Projeto Buriti Português”, da editora Moderna, e entrevistamos 3 professores da Rede Municipal de São Bernardo do Campo, que utilizam esse livro.

A análise do livro didático nos permitiu verificar que o material apresenta poucas referências às variações linguísticas, quando isso ocorre há uma preocupação em adequar a língua falada à situação comunicativa, ressaltando as situações de formalidade e informalidade. Além disso, há poucos subsídios ao professor para desenvolver as atividades sugeridas.

Apesar de a entrevista apresentar conclusões baseadas em uma pequena amostra de dados, foi possível constatar que quando os professores entrevistados falam em norma culta, não têm a consciência de que a norma culta não é homogênea, pois também está sujeita a variações e mudanças. Confundindo norma culta com norma padrão. Além disso, esses

profissionais reconhecem a existência de variações linguísticas, mesmo que restrita a dialetos regionais, mas não utilizam as variedades trazidas pelos alunos para análise e estudo da língua. Acreditam que o preconceito linguístico é evitado por meio de conscientização e respeito à fala que foge da variedade culta, e não pelo estudo das variantes da língua. Também, não fazem referências às questões estilísticas e as variantes de registro, sendo essas temáticas um possível caminho para investigações futuras e novas pesquisas.

Considerando que os professores que atuam no Ensino Fundamental Inicial são polivalentes, e na maioria, não apresentam uma formação específica na área de língua. Há uma defasagem técnico-teórica desses professores no que se refere ao ensino das variações linguísticas, não por descomprometimento, mas por falta de formação/informação sobre as variantes da língua e da escrita, que surgem nas relações sócias. Acreditamos que há a necessidade das redes de ensino investirem mais em formações para que os professores possam refletir, discutir e reconstruir sua concepção de língua.

Por outro lado, não podemos deixar de ressaltar, que por menos que as variações linguísticas apareçam nos livros didáticos e na prática dos professores essas são consideradas, em momentos pontuais, relacionadas a dialetos regionais, a oralidade e a adequação do discurso formal ou informal. Contudo, ainda estamos longe de ter uma prática pedagógica que considere as variantes orais e escritas da língua, incluindo os dialetos de prestígio, atribuindo os mesmos valores sociais a elas, extinguindo assim, o preconceito linguístico.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. 2º ed. São Paulo: Parábola, 2003, 181p.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p.238.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF, 2017.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEC, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1990, 189p.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria. **Variação Linguística e Ensino de Gramática**. 2009.

\_\_\_\_\_, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CYRANKA, Lucia. **Sociolinguística aplicada à educação**. In: MOLLICA, Maria Cecília; JUNIOR, Celso Ferrarezi. Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016, p. 167-176.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2012, 272p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica. **Trabalho em Linguística Aplicada**. Campinas, v30, p.39-79, Jul/Dez. 1997

SANCHEZ, Marisa Martins. **Projeto Buriti. Português**. Manual do professor. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2014, p. 383.

SÃO BERNARDO DO CAMPO. Secretaria de Educação e Cultura Departamento de Ações Educacionais. **Proposta Curricular da Prefeitura de São Bernardo do Campo**. São Bernardo do Campo: Ensino Fundamental, 2007.

ZILLES, Ana Maria S.; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, 3 Ministério da Educação.



## ANEXOS

### ANEXO A – Atividade de comunicação oral

Para falar e escrever melhor


## Comunicação oral Realizando um debate

### Existem ou não extraterrestres (ETs)?

Há pessoas que acreditam na existência de seres extraterrestres. Muitas delas são estudiosas do assunto, como os ufólogos, que pesquisam objetos voadores não identificados (óvnis) e seres extraterrestres.

Outras pessoas não acreditam e consideram as histórias de extraterrestres e óvnis frutos da imaginação.

Já foram feitos muitos filmes sobre esse assunto: *E.T., o extraterrestre*; *Guerra nas estrelas*; *Jornada nas estrelas*; *A guerra dos mundos*; *O retorno de Jedi*; *Ataque dos clones* etc.



UNIVERSAL PICTURES COLLECTION/KEYSTONE


Cena do filme *E.T., o extraterrestre*, de 1982.

### Prepare-se para o debate.

- Analise o que você pensa sobre o assunto e anote em uma folha para consultar na hora de expor sua opinião.
- Pense nos argumentos que vai usar para justificar sua opinião.

### Realização do debate.

- Um aluno de cada vez expõe sua opinião para os colegas e explica por que pensa desse modo.
- Fale com clareza e em um tom de voz que todos ouçam.
- Ouça os outros com atenção e respeite todas as opiniões.
- Se quiser argumentar contra a opinião de alguém, faça um sinal com a mão e aguarde a oportunidade de falar



SAKURA TAIYOU

### Autoavaliação

1. Expressei com clareza minha opinião e em tom de voz adequado?
2. Expus os argumentos para justificar minha opinião?
3. Ouvi com atenção meus colegas e respeitei a opinião deles?
4. Discordei de alguma opinião e disse por quê?

**215**

## ANEXO B – Atividade de comunicação oral

Para falar e escrever melhor

**Comunicação oral** **Dramatizando**

1 Leia este trecho da cena 5 de *O menino que virou história*.

*A luz se acende na página cheia de letrinhas. Zig anda de um lado para o outro lendo o texto no chão. Rafa cai sentado no meio da página.*

**Zig** – Eu avisei.

**Rafa** – Onde é que eu tô?

**Zig** – Página 342 do livro “A história do menino que não gostava de ler”

**Rafa** (*Chocado*) – Eu tô dentro do livro?

*Zig faz “positivo” com a cabeça e continua lendo. Rafa para exatamente em cima da frase que Zig está lendo.*

**Zig** – Você podia sair de cima?

**Rafa** – Sair de cima?

**Zig** – Da frase que eu estou lendo. Passe pro lado de cá que eu já li.

*(Rafa sai de cima da frase. Zig continua lendo.)*

**Rafa** (*Começando a ficar preocupado.*) – Olha, eu tô achando o máximo estar dentro de um livro com uma traça, mas. Eu tenho um montão de coisas pra fazer, minha mãe passa logo logo pra me pegar e... Como é que eu faço pra sair daqui? [...]

**Zig** – Só tem um jeito de sair deste livro, e é lendo a história até o final.

*(Aponta)* A primeira página é pra lá ó! (*Volta a ler.*)

**Rafa** – Não é possível, tem que ter outro jeito... Este livro é enorme! Eu vou levar um ano pra ler isso.

**Zig** – Quando a gente está se divertindo, um ano passa em um minuto.. Bem, acabei esta página. Até logo! (*Vai saindo.*)

**Rafa** – Espera, espera! Aonde você vai?

**Zig** – Pra próxima página.

**Rafa** (*Pegando os óculos de Zig.*) – Não vai não senhora. Foi você quem me fez cair aqui.

**Zig** (*Tentando tomar os óculos dele.*) – Ei! Devolve meus óculos, moleque!

**Rafa** – Só depois que você me explicar como é que eu saio deste livro. [. .]

2 Siga as orientações do professor e faça, com os colegas, uma leitura expressiva desse texto.

**Autoavaliação**

1. Transmiti em minha fala a emoção vivida pela personagem?

2. Segui as orientações das rubricas e a pontuação das falas?



SANDRA LAVANDEIRA

## ANEXO C – Atividade de comunicação escrita

Para falar e escrever melhor

**Comunicação escrita** Texto instrucional

O que vou escrever?	Um texto instrucional.
Quem vai ler?	Os colegas da escola.
Onde vai circular?	Na escola.

**Proposta de escrita**Veja comentários em *Orientações e subsídios ao professor***1. Leia.**

Sirene! Alarme! Sirene! Alarme! Precisamos de socorro! Nossas praias estão com problemas. Há lixo no oceano. Há detritos na praia.

[. .]

Mas o que uma criança pode fazer? [. .]

Não jogue na praia nenhum tipo de refugo.

Quando for à praia, leve consigo uma bolsa de lixo grande. Tente enchê-la com refugos, feche-a muito bem e depois jogue em uma lata de lixo. (Se não houver uma lata de lixo na praia, leve a bolsa para casa.)

Se achar garrafas ou latas de alumínio na praia, leve-as para casa, a fim de reciclá-las.

Depois de pescar, nunca, jamais, jogue fora a linha de pesca na água. Os pássaros e as criaturas marinhas podem ficar presos nela e morrer

The EarthWorks Group. Tradução de Reinaldo Guarany.  
*50 coisas simples que as crianças podem fazer para salvar a Terra.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.



- Converse com os colegas.
  - a) Você já foi à praia? Viu lixo espalhado na areia ou no mar?
  - b) Você acha que as crianças podem colaborar para a limpeza das praias?
  - c) As orientações do texto são fáceis de seguir? Você acrescentaria algo?

2. Você vai escrever um texto instrucional que oriente os colegas a ter um espaço escolar ainda melhor.



ROBERTO WEIGAN

## ANEXO D – Atividade de comunicação escrita

Para falar e escrever melhor

**Planejamento****Ideias da classe**

1. Como é minha escola? Os ambientes são limpos, organizados, seguros, ecológicos?
2. O que pode ser feito para torná-la melhor?

**Minhas ferramentas**

1. Que tipo de linguagem você usará no texto: formal ou informal?
2. Que modo verbal é mais adequado a um texto instrucional?

**Rascunho**

1. Comece o texto instrucional mostrando ao leitor a situação atual da escola.
2. Oriente o leitor sobre o que ele pode fazer para melhorar essa situação ou preservá-la.
3. Faça propostas possíveis de realizar.
4. Decida se a linguagem será formal ou informal.
5. Use verbos como: *faça, jogue, leve, organize, arrume* etc.

**Autoavaliação**

1. Mostrei a situação inicial ao leitor?
2. Apresentei propostas práticas?
3. Usei linguagem formal ou informal?
4. Usei os verbos sugeridos acima?



SAKURA TAYOU

**Finalização**

Faça as alterações necessárias e passe a limpo seu texto.

Guarde seu texto, pois você poderá usá-lo na seção *Fazer arte*.

## ANEXO E – Tirinha do Chico Bento

Que tal você e seus colegas criarem uma Agenda 21 Local para sua escola?  
O que vocês podem fazer para preservar os espaços da escola e manter a harmonia da turma?

Conversem sobre atitudes que vocês podem ter para fazer a diferença!

### Elaborem uma relação de ações da turma.

- ▶ Para isso, é importante levar em conta o espaço da escola e da sala de aula, os materiais de uso comum, o relacionamento entre colegas, professores e funcionários.

Vocês podem utilizar também o texto que escreveram na seção *Comunicação escrita*.

### Produzam ilustrações para cada uma das ações.

- ▶ As ilustrações devem ser de fácil compreensão e devem estar ao lado de cada ação.

### Deem um nome à Agenda 21 Local da turma.

- ▶ O nome da agenda pode ser, por exemplo, o nome da escola ou o ano da turma. Substituem a palavra **Local** pelo nome que vocês vão escolher

### Montem a Agenda 21 Local.

- ▶ Ela pode ter o formato de uma agenda escolar ou de um caderno universitário.

### Elaborem cartazes para divulgar a Agenda 21 Local da turma.

- ▶ Os formatos grandes, ilustrados e coloridos chamam mais a atenção!

### Montem uma exposição com a Agenda 21 Local e os cartazes produzidos pela turma.

- ▶ Convidem familiares, amigos e toda a escola.

### Preparem-se para apresentar a Agenda 21 Local aos visitantes da exposição.

- ▶ Quem sabe vocês até consigam contagiar outras turmas com a ideia!



ILUSTRAÇÕES: WALDOMIRO NETO

## Arte e Riso

CHICO BENTO



Mauricio de Sousa

Os quadrinhos da personagem Chico Bento procuram imitar as marcas da fala da modalidade caipira do português.